

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos

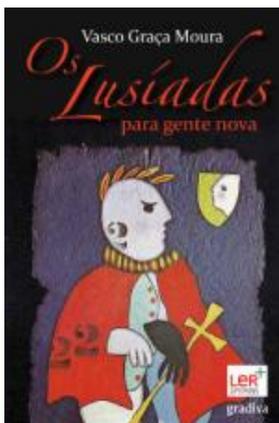


Coimbra
Junho de 2012

**UM «NUNCA OUVIDO CANTO»:
NOTAS SOBRE *OS LUSÍADAS PARA GENTE NOVA*,
DE VASCO GRAÇA MOURA**

«É o Gama? O Camões? É uma voz
Que move o coração de todos nós»
«Canto Terceiro»

«Tudo viu, tudo leu este Camões
E de tudo nos dá informações»
«Canto Décimo»



Ao título de escritor multifacetado soma Vasco Graça Moura o talento e a energia que, no ano em que assinala 50 anos de vida literária e 440 se completam, com este que vivemos, sobre o aparecimento d' *Os Lusíadas*¹, lhe

¹ Sigo a edição prefaciada e anotada por Álvaro Júlio da Costa Pimpão publicada, pela primeira vez, em 1972, pelo Instituto da Alta Cultura e ressurgida em 1989 (Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Editorial do Ministério da Educação), com apresentação de Aníbal Pinto de Castro.

permitted homenagear Camões a um nível superior, trocando a reverência excessiva e tantas vezes estéril pela ousadia do empreendimento útil, o zelo intelectualista pela reescrita acessível e modernizadora, no melhor sentido, a prosa pelo verso, num atrevimento de retextualização vivificante; enfim, a interdição ('não se mexe numa obra de génio') pela oportunidade valiosa, o conformismo pela Cultura. Isto num tempo que parece preferir a cultura do efémero e a grande amnésia à tradição e à memória literária – neste sentido se tem posicionado o autor –, em que a Escola dos nossos dias, movida pelo critério do apetecível, do apelativo, porque mais fácil e imediato, logo mais útil, não tem sabido acautelar devidamente o seu património cultural literário, desbaratando a herança dos principais autores da língua portuguesa, e o próprio legado da figura maior da literatura portuguesa. Camões haveria de se desgostar com este estado de coisas.

É bem sabido mas importa recordar talvez, mesmo porque *Os Lusíadas* não são já uma epopeia de acentuado uso escolar, que os Cantos III e IV do poema, quase inteiramente consagrados, numa extensa fala do Gama, à narração da História de Portugal, são o espelho textual de uma pátria de empenho e de esforço, «feita palmo a palmo e de ano a ano» – como escreve Vasco Graça Moura no canto terceiro d' *Os Lusíadas Para Gente Nova*² –, das origens históricas até aos últimos sucessos em que participou e à realização da inaugural viagem que o Gama, de peito aberto, aceita comandar, certamente porque acredita que «as coisas árduas e lustrosas/ se alcançam com trabalho e com fadiga» (IV.78).

A verdade é que a *gente nova*, pouco disponível para o convívio com obras exigentes, no seu contacto desprevenido – mais justo seria escrever desapetrechado – com o poema de Camões, experimenta (sabemo-lo bem) o desinteresse, «uma espécie de renitência enfada» (e continuo a acompanhar a reflexão de Vasco Graça Moura no prefácio do livro), a desconfortável sensação do intragável, com a consequente rejeição. Certo é também que a obra maior da literatura portuguesa, no grau de dificuldade que a sua matéria verbal encerra, nos seus pressupostos culturais humanísticos, no complexo significativo que os seus dez cantos perfazem, nas suas dialécticas, mais ou menos abertas, é tudo menos uma obra fácil, de leitura amena, que amenos não terão sido os lugares que o autor das *Rimas* percorreu, e amenos não são os que destinou aos seus leitores. Tenha-se ainda em conta a extensão do

² Vasco Graça Moura, *Os Lusíadas Para Gente Nova*, Lisboa, Gradiva, 2012. A obra será citada no corpo do texto com a indicação das páginas.

poema, incapaz de prender o fôlego dos jovens de hoje, certamente por lhes faltar o «calo honroso» formado na experiência da leitura.

Ora, *Os Lusíadas Para Gente Nova*, num substancial ‘encolhimento’ da malha textual, reduzem a cerca de um terço a extensão total do poema (383 estâncias relativamente às 1102 do original), o que, atendendo à sua inegável qualidade literária e às suas virtudes aliciadoras, não faz dela uma magra epopeia. Se tivermos em conta, aliás, os comentários, os esclarecimentos, as interpretações e propostas de leitura que nela encontramos, tornados parte do próprio verso, diríamos até que estamos perante uma epopeia (revista e) aumentada.

Escrita em oitava rima, sob os impulsos da vida (à semelhança do original), especialmente destinada a um público jovem (entre 12 e 15 anos), mas susceptível de interessar leitores de todas as idades e de todos os pelouros, esta adaptação de Vasco Graça Moura vem inscrever-se numa tradição que soube herdar, encontrando nela uma via marcadamente original para intervir culturalmente neste nosso tempo, expressando a crença nas potencialidades da poesia e do idioma de Camões. Movendo-se na órbita do desafio, nela se dispõem a conviver o discurso camoniano (estâncias completas, por vezes em sequência, partes delas, versos, fragmentos de versos, «instantes de Camões», como diria António Nobre – tudo assinalado em itálico) e, da pena do *homo digitalis* que é Vasco Graça Moura, em redondo, uma linguagem acessível, de sabor camoniano, por vezes muito próxima dos mais novos, pelos seus momentos coloquiais, pelo uso de um glossário comunicativo onde cabem verbos como «tramar» ou «safar-se». Desta admirável mescla literária resulta um «nunca ouvido canto» que se espera seja música para o ouvido dos mais novos, não os separassem do tempo e dos padrões culturais de Camões mais de quatro séculos. Isto mesmo sinaliza o autor, aproveitando o momento em que a linda Vénus, sempre protectora, se dirige a Júpiter, no canto segundo, «quase sem arranjar os seus vestidos» (p.36), para que ele interceda em favor dos Portugueses:

Camões descreve-a assim, meio despida,
E, no tempo em que escreve, essa nudez
Era coisa imoral e atrevida
E proibida (mas que estupidez!);
Ele soube porém dar-lhe tal vida
E tanto encantamento dessa vez,
Que a censura não pôs, nessa manhã,

Bola vermelha ao canto, sobre o ecrã.

«Doce programa», congeminado por Vénus para receber os marinheiros, vencidas que foram as dificuldades levantadas na Índia, é o que tem lugar no paraíso móvel que é a Ilha dos Amores, um dos mais emblemáticos e visitados episódios do poema, cujo real significado é convenientemente explicado pelo autor. Na conservada união fecundante do canto nono com o canto décimo, o episódio é apresentado sem ‘cortes’ lesivos nem bola vermelha. Também estes *Lusíadas* percorrem a escala do erotismo, não fosse quem os compôs um homem «de carne e de sentidos». Sem nunca perder de vista aquilo que pode ser descrito como um processo gradual de ascese, faz desfilar Ninfas que

Iam deixando então cair as suas
Roupagens pelo chão, aqui, ali,
E ao fazerem assim ficavam nuas
Ou quase, descuidando-se de si,
Maminhas a saltar duas a duas,
Belos rabinhos, bocas de rubi,
Cabelos de oiro, a pele como cetim
E grinaldas de rosas e jasmim

Ninfas que, afinal, e desnudado o artifício, servem apenas para fazer versos como estes – *deleitosos*. Ainda assim, ou por isto mesmo, uma «ilha do amor de cinco estrelas» (p.132), colocada ao alcance da gente nova.

Mudam-se os tempos, mudam-se os preparos. A própria moda, escreveu Roland Barthes, «vive-se a si própria como um direito: o direito natural do presente sobre o passado». ³ E os valores da grandeza, como tudo o mais na vida, «também têm o seu estilo de ser – registava Vergílio Ferreira por ocasião das comemorações do Dia de Camões – segundo o estilo do tempo em que são» ⁴. Assim se entende melhor por que é que o cioso e recesso Baco, observador atento da acção grandiosa dos Portugueses «bem pode pintar o sete/ Que não vai conseguir prejudicar/ A gente lusitana que se mete/ Nessa aventura pelo alto mar» (p.37).

³ Roland Barthes, *O Sistema da Moda*, Lisboa, Edições 70, 1981, p. 301.

⁴ *Camões e a Identidade Nacional*, Lisboa, IN-CM, 1983, p. 14.

O golpe de audácia, que tanto atraía Camões, uma figura que se impõe no cânone pessoal de Vasco Graça Moura, que inicia a sua extensa lista de publicações em 1963 com *Modo Mudando*, expressa-se desde o próprio título e anuncia-se na portada⁵, no registo arrojado da gramática do pintor José de Guimarães, a oferecer-nos ... *um Camões bem diferente* ..., de cores vivas e heráldica ironicamente abreviada, um Camões tornado jogo, numa conjugação de atributos, numa corporeidade que, furtando-se a legendarizações de cunho institucional, vem desarrumar, como quem brinca, um velho universo de ideias feitas.

No que a ousadias respeita, sublinhe-se que a introdução que lhe serve de limiar, encimada por um título de ambiguidade deliberadamente não resguardada, «Sabemos Muito Pouco de Camões», não é propriamente silenciosa. Este Canto Zero, assim o chegou a designar o autor, num misto de audácia e acerto, e que, mal chegados, logo nos conduz à presença do imortal Camões (e à incógnita da sua vida), é, na verdade, um canto antes do canto: perante a marca da genialidade do autor d' *Os Lusíadas*, não contém aqui Vasco Graça Moura, como noutros momentos do texto, uma emoção colectiva de natureza épica – que não é o autor um parente envergonhado dos marinheiros descobridores –, a sua admiração e o seu entusiasmo de camonista. Assim sucede quando trata o episódio da tempestade marítima, no correspondente canto sexto, ocasião, não desperdiçada, para insistir na natureza dúplice de Camões:

São versos geniais: o movimento
Dos vagalhões e o rasgar das velas,
Os rugidos do mar, a chuva, o vento,
Os mastros a quebrar, mais as cautelas
Dos homens num esforço violento.
As palavras do Gama são singelas:
A tempestade é feita por pagãos,
Mas à graça divina ele ergue as mãos.

⁵ José de Guimarães, *Camões* (pormenor), *gouache* sobre papel, 1981 (desenho). Veja-se José Augusto-França, *Variações Camonianas*, Lisboa, IN-CM, 1981 e, do próprio Vasco Graça Moura, o texto «José de Guimarães e o álbum de família»: *Caderno de Olhares*, Porto, Oiro do dia, 1983, pp.51-52.

Veja-se também, entre outros exemplos possíveis, a seguinte oitava, centrada na arquitectura do poema, construída com recurso ao decassílabo e seguindo o esquema rimático que nela mesma se explica, e que é, ela própria, um cometimento (de passagem, não resisto a anotar a resposta que certo dia obtive de um jovem aluno quando lhe foi pedido que indicasse a estrutura externa d' *Os Lusíadas*: “a capa e a lombada”, a mostrar à evidência que sabemos muito pouco de Camões):

Para o fazer, Camões usou a oitava
Que é feita de oito versos a rimar.
Até ao sexto as rimas alternava,
Nos dois finais a rima vai a par.
Com oitavas assim, organizava
Essa história que tinha de contar
Em cantos que são dez e a nós, ao lê-los,
Espanta como pôde ele escrevê-los.

Composta por 18 estâncias, esta introdução, espécie de enunciado orgânico de pontos prévios, funciona como abertura em leque da genérica globalidade épica. Aqui se aborda a índole da epopeia, «que era uma forma usada antigamente/ Em que um herói levando a vida cheia/ De combates terríveis segue em frente/ E acaba vencedor»; a dimensão colectiva do herói camoniano, identificado com «o peito ilustre lusitano» de que se fala na Proposição, integralmente conservada nestes *Lusíadas*; a matéria histórica – e verbal – do poema; os planos narrativos; o uso da mitologia e a *fábula* dos deuses, a suscitar uma geral perplexidade: «Coisa que enche de espanto toda a gente/ Porque pintam o bom e o bonito/ Fazendo a história andar para a frente,/ O que para o leitor é esquisito,/ Pois Camões é cristão, muito cristão,/ Mas quanto à fantasia é bem pagão»; a influência dos modelos clássicos; o impagável contributo camoniano para o enriquecimento e a modernização da Língua Portuguesa. Enfim, aqui se anuncia o assunto d' *Os Lusíadas* e aqui se inicia um processo comunicativo caracterizado por um registo dialogante, discretamente persuasivo.

D' *Os Lusíadas para Gente Nova* não nos chegou notícia de solicitação persistente, que o poeta responderá apenas a íntimas motivações, tais as que o levaram a dedicar este livro aos seus netos, e ao que entende ser a sua «obrigação cívica, cultural e humana de lutar contra este estado de coisas». Mas a verdade é que, e pese embora o bom serviço prestado por adaptações

que tanto têm contribuído para a divulgação do poema camoniano, como a de João de Barros⁶, aparecida no início da década de '30, a de Amélia Pinto Pais⁷, editada em 1995, ou, mais recentemente, a de José Jorge Letria⁸, de 2009, o utente da máquina educativa merecia já uma adaptação que, numa emulação salutar, transpusesse os limites da prosa, para fazer sobreviver, substancial e fielmente preservada, a herança de Camões, a quem se concedem honras de abertura e de fecho, ficando a sua voz a ecoar, como estímulo para os mais novos.

Com efeito, este trabalho – em que se acham as marcas mais reconhecíveis do universo estilístico do poeta Vasco Graça Moura, o seu tom, especial e distintivo – introduz, desde o primeiro momento, o jovem leitor numa desejável atmosfera poética, liberta da asfixia de um vocabulário frequentemente alatinado, de que o autor, naquelas páginas de apresentação, dá prestimosa conta («Camões introduziu/ Muitos termos tirados do latim:/ Pôs «lenho» em vez de nau, substituiu/ «Véu» por cendal» e mais coisas assim»), de processos retóricos, das constantes alusões mitológicas, da cornucópia das figuras de estilo, que, como Ninfas, até há bem pouco tempo se caçavam nas nossas Escolas, numa perseguição tão desenfreada quanto infrutífera.

Investido da delicada função de narrador segundo (ou primeiro? – a interrogação arguta é de Vítor Aguiar e Silva e figura na contracapa da obra), Vasco Graça Moura, levou longe este seu empreendimento artístico, embutindo no próprio texto, harmoniosamente integrados, comentários, explicações, observações, interpretações, pistas e propostas de leitura, receitas marciais («Como é que se descreve uma batalha?» – p. 62) e até ‘coisas’ de camonistas, nem sempre sensatos, que os mais novos, dados à tirada escarminha, gostarão de saber e, crescidos, poderão analisar.⁹

(Hoje discutem os especialistas

⁶ João de Barros, *Os Lusíadas de Luís de Camões Contados às Crianças e Lembrados ao Povo*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1940.

⁷ Amélia Pinto Pais, *Os Lusíadas em Prosa*, Lisboa, Areal Editores, 1995.

⁸ José Jorge Letria, *Os Lusíadas Narrados aos Jovens*, Lisboa, Oficina do Livro, 2009.

⁹ Veja-se Vítor Aguiar e Silva, «Função e significado do Episódio da ‘Ilha dos Amores’ na Estrutura de *Os Lusíadas*»: *Camões: Labirintos e Fascínios*, Lisboa, Cotovia, 1994, pp. 131-133.

Onde ficava a ilha namorada.
Seguem sem resultado várias pistas;
Nem precisava a ilha para nada
De ser posta no mar para turistas;
Precisava de ser, sim, inventada,
Lugar da fama que é prémio da História
E da literatura e da memória.)

São muitas as qualidades que recomendam esta adaptação antológica¹⁰ como via de acesso à epopeia camonianiana e que resultam da arte da criação literária, que é em Vasco Graça Moura o somatório não decomponível do «honesto estudo/ Com longa experiência misturado», do engenho, da versatilidade, da maestria versificatória e da perícia no manejo de toda uma utensilagem poética, da sensibilidade. Sublinhe-se, entretanto, quer o trato íntimo e assíduo que o autor mantém com a obra de Camões, a favorecer um registo narrativo fluído, criteriosamente atento aos momentos essenciais da epopeia e ao seu encadeado, quer o domínio excepcional da técnica (que vem render a Musa clássica), a possibilitar aqui um texto camonianamente medido – *coisas que juntas se acham raramente* num mesmo autor. Assinalável é também a sua propensão classicizante, a promover o hábil equilíbrio entre a voz de Camões e a voz moderna do autor em que o texto, na sua versão simplificada, se realiza.

Acresce ainda a mais-valia de estarmos perante um poeta que, não sendo um entusiasta de Pessoa, à célebre formulação «o poeta é um fingidor» prefere a formulação «o poeta é um figurador»¹¹, e certamente também esta outra, de Vitorino Nemésio: «o poeta é um mostrador». Tanto assim que, nesta sua missão de abrir à *gente nova* as portas da epopeia lusíada, guiando-a canto a canto, dirigindo-lhe o olhar, colocando-a perante o que lhe parece importante (por exemplo, as reflexões de Camões, estrategicamente situadas a abrir ou a fechar os cantos), apontando, em vez de descrever, ou descrevendo como quem aponta, o vemos lançar mão de um procedimento que tende a privilegiar a dominante do olhar e a demorar a atenção do seu jovem destinatário – que é também objecto pedagógico – em passos concretos do

¹⁰ Cf. José Cardoso Bernardes, «Ainda (e sempre) *Os Lusíadas*»: *Jornal de Letras*, 2 de Maio de 2012.

¹¹ Vd. Vasco Graça Moura, *Poemas Escolhidos 1963-1995*, Lisboa, Bertrand, 1996, p. 89.

original camonianiano: «E aqui, quem lê Camões, logo descobre/ Que ele acha que o dinheiro é pouco honroso» (p. 123). Deícticos e verbos como «ver», «olhar», «notar», quase sempre usados em relevante posição no verso, são pois frequentes. Tome-se como exemplo a estância seguinte, do canto sexto, a preceder o retrato do Mensageiro de Neptuno, o esquisito Tritão, oferecido nas palavras exactas de Camões (pp. 88-89):

Notai como Camões logo o retrata
Juntando variadas criaturas
Marinhas cujas formas ele engata,
Umás mais pegajosas, outras duras;
Arcimboldo, o pintor, andava à cata
Desse processo de pintar figuras,
E é nesse estilo que Camões desenha
Dando a Tritão uma aparência estranha

Na remissão para outros saberes e outras artes que por vezes se correspondem reside outro dos méritos deste livro em que também boa parte da história de Portugal se torna imagem por via de uma força comunicativa que se traduz em acertadas escolhas lexicais, em homologias estilísticas («E a gente guincha e uiva e geme e berra» p. 49), em imagens adequadamente poderosas, como esta: «Neptuno manda Eolo que à vontade/ Abra a saca dos ventos com ruído» – p. 97. Outra das forças de sedução desta obra é o humor (lugar onde sempre *pode acolher-se um fraco humano*), subtil, mas capaz de amenizar percalços e desconcertos, de amansar a trágica grandeza que eleva o género humano.

O intenso diálogo, em prosa e em verso, de Vasco Graça Moura com o poeta Quinhentista – publicamente iniciado em 1980 com os ensaios que integram *Luís de Camões: alguns desafios* – abandona agora o comentário especializado e o «tim-tim por tim-tim», os envios constantes à mais exigente cultura erudita e os cálculos complicados¹² e liberta-se das notas de rodapé em sucessão que indispõem a *gente nova*, que certamente também não aprecia a ideia de ter numa mão sempre o dicionário e na outra um qualquer compêndio especializado. Fica pois a *gente nova* liberta do manejo constante de prestáveis armas de leitura para assim poder mergulhar em Camões – objecto de contemplação estética e fonte de emoção épica – e fruir do

¹² Vasco Graça Moura, *Camões e a Divina Proporção*, Lisboa, Inova, 1985.

fundamental. Por agora: como o próprio autor vinca no prefácio, não substituem nem dispensam estes *Lusíadas* a leitura da obra original para a qual, aliás, expressamente remete no seu canto terceiro: «Ainda na primeira dinastia/ Que fundou e deu força a Portugal,/ Camões conta outro caso (e bem valia/ A pena ler aqui o original),/ Depois de a Formosíssima Maria/ Ter conseguido o apoio paternal».

Não custa a crer que este (re)canto de versos facilmente navegáveis que nos revela também o grande leitor que é Vasco Graça Moura, que guarda, inteiros, os significados da epopeia camoniana e a voz pessoal de Camões, nos seus entusiasmos heróicos mas também nas suas reflexões desenganadas, depressa se transforme num clássico da literatura *para gente nova*.

TERESA CARVALHO